

## ENVELHECER NO FEMININO

Envelhecer é um processo que não se cinge apenas às idades mais avançadas. Nem é algo que ocorre de repente. As mudanças vão acontecendo na trajetória da vida, nos corpos, nas vivências, nos sentimentos e avaliações sociais e começam a se firmar numa etapa que se convencionou chamar de *maturidade*. Que, contraditoriamente, tem um sentido social de plenitude, mas por outro lado, também já de ocaso. Envelhecer seria a continuidade desse processo. Que é, nas múltiplas experiências humanas, saberes e convívios, diferente para cada pessoa humana, segundo suas trajetórias de gênero, de classe social e étnico-raciais, de territórios, além dos contextos familiares e de tantas outras condições sociais. E que, segundo diferentes períodos históricos, tem sido objeto sobretudo de desconhecimento e desvalor.

Buscamos, nesse dossiê, reunir artigos e pesquisadoras que, a partir de um viés feminista presente nos diversos estudos, investigações e depoimentos, tecem algumas das tramas do “envelhecer no feminino” e revelam como essa experiência vem se dando na sociedade contemporânea, comumente pouco receptiva à “idade”. Assim, os sete artigos apresentados destacam diferentes aspectos da velhice de mulheres, daquelas que são representadas no espaço público e das que são invisibilizadas, sobretudo pela violência das relações, das instituições e das epistemologias que ainda silenciam esse lugar e esse processo.

Apesar de debates e de movimentos feministas, em seus diversos momentos e vertentes teórico-políticas, não terem dado espaço à discussão sobre mulheres idosas, suas críticas às assimetrias de gênero são ferramenta fundamental para a reflexão acerca do envelhecimento na contemporaneidade. Explorando essa pista, as sociólogas da Universidade do Porto, Isabel Dias, Alexandra Lopes e Rute Lemos, como resultados de pesquisa sobre a realidade portuguesa, tratam no artigo *Violência contra as mulheres idosas: o peso das assimetrias de gênero na idade avançada* o modo como as desigualdades relativas ao gênero têm

papel central no processo de vulnerabilização das mulheres mais velhas, tornando-as mais suscetíveis aos abusos e violências. Para tecer a discussão, aprofundam o conceito de abuso, explorando “as lentes de gênero”, para uma percepção do fenômeno como tributário das desigualdades entre mulheres e homens, existentes na sociedade e para compreender as formas desiguais de distribuição de poder no interior das relações familiares em que estão inseridas as mulheres velhas. O trabalho ainda nos oferece dados sobre a população idosa em Portugal, destacando que o fato das mulheres terem maior esperança média de vida oculta situações de vulnerabilidade vividas pelas mesmas, como, por exemplo, suas condições de saúde; nesse caso, as estatísticas também mostram que a expectativa de vida saudável das mulheres velhas é inferior a dos homens. Assinalam também a maior vulnerabilidade socioeconômica advinda de trajetórias marcadas por desigualdades.

Se a violência contra as mulheres velhas é um tema que penetra, com dificuldade, as agendas e os orçamentos públicos, ficando ainda cerceado nas tramas patriarcais das relações familiares e domésticas, a questão da sociabilidade de mulheres velhas em grupos de convivência para pessoas idosas tem chamado atenção da sociedade e se configurado como uma das imagens com que se identifica a própria velhice na contemporaneidade, a imagem do envelhecimento ativo e saudável. No texto *Tempo de vida, tempo de festas*, a antropóloga carioca Myriam Lins de Barros analisa, a partir de suas pesquisas em projetos sociais desenvolvidos pelas prefeituras do Rio de Janeiro, Duque de Caxias e Nova Iguaçu no Estado do Rio de Janeiro, a forte presença feminina nesses grupos de convivência. Para tal, propõe pensar sobre o tempo e as expressões corporais e emocionais nos eventos e festas realizados nos grupos de convivência. O texto nos conduz ao universo desses grupos, mostrando a existência, nesses espaços, de uma tônica do bom envelhecer fundada na possibilidade de controle, pelos indivíduos, dos sinais negativos do envelhecimento por meio de intervenções no

corpo e nas emoções, as quais se revelam como um cuidado de si. Propõe que as experiências femininas nos centros têm como um de seus aspectos, a possibilidade encontrada ali, para uma suspensão passageira do seu papel de cuidadoras, podendo se dedicar ao que desejam, tanto nas atividades semanais, quanto nas festas anuais do calendário institucional. Nesse sentido, o artigo sustenta que é a velhice vivenciada nesses centros de convivência que permite a essas mulheres uma exposição positiva e pública de seus corpos, muitas vezes pela primeira vez na vida.

A existência dessas novas dinâmicas e espaços para a vivência da velhice convive, no Tempo Presente, com a experiência da solidão que se repõe como um dos traços dessa etapa da vida. No texto *Idade e Solidão: a velhice das mulheres*, Alda Britto da Motta, professora e pesquisadora do PPGNEIM mostra como, na ambiência relacional, a solidão é uma possibilidade que se efetiva em várias situações e enredos sociais propostos às pessoas mais velhas nas esferas públicas e privadas da vida. Recorrendo às suas lembranças pessoais e profissionais, nos oferece um quadro de situações de pesquisa e de vivências nas quais a velhice é apresentada como um “estar à margem” que se traduz como solidão. Tal marginalidade social é mostrada, basicamente, em duas dimensões que se mesclam: a) no trato dado pelo Estado que, ou é totalmente ausente, ou promove e apoia políticas que confinam as (os) mais velhas(os) em estruturas de abrigo que cerceiam a liberdade e promovem uma rotina vazia de sentido e marcada pelo distanciamento entre as pessoas; b) aparece também no preconceito, discriminação e ignorância acerca da velhice, expressos, por exemplo, na infantilização, no *overhelping*, na negligência, na patologização da velhice — elementos sentidos, no interior das relações, como exclusão e perda de autonomia. Por fim, indica como esses processos estão marcados pelo gênero, apontando a solidão como expressão de liberdade para algumas mulheres, sobretudo em relação ao casamento, bem como os “agravantes” da solidão indesejada de tantas outras: a pobreza, mais incidente entre as idosas e o maior peso demográfico das mulheres velhas.

Vive-se, na contemporaneidade, uma maior possibilidade de convívio prolongado entre gerações distintas, tanto no espaço público quanto no privado, fato que não é, contudo, garantia de proteção às pessoas idosas. A violência intrafamiliar contra mulheres idosas integra esse contexto de relações intergeracionais, ainda sendo, contudo, um tema tabu que se circunscreve socialmente, envolto em um forte grau de silenciamento e conivência, por parte da própria família e do Estado. Essa questão se agrava no atual momento político em que há uma desresponsabilização do poder público no tocante à garantia de proteção social, com destaque em casos em que a velhice revela traços como a dependência, violência, pobreza e adoecimento. O texto *Mulheres idosas vítimas de violência intrafamiliar: uma investigação sociodemográfica e processual no ministério público do estado da Bahia*, de Celiza Terto, assistente social do Ministério Público do Estado da Bahia, Josimara Delgado e Vanessa Cavalcanti, professoras e pesquisadoras do PPGNEIM, mapeia a violência intrafamiliar vivenciada por mulheres idosas, denunciada no MPBA, ou seja, uma violência que se publiciza por meio do recurso à justiça. O artigo está circunscrito em investigação feita institucionalmente e buscou responder questões sobre o perfil das mulheres idosas e sobre o atendimento oferecido pela promotoria especializada em Salvador. As autoras apuraram que, na maioria dos casos, a violência ocorre em contextos de coabitação das idosas com seus filhos e, a partir desse e de outros dados, analisam a complexidade dos processos de reprodução da violência a qual se traduz também na escolha pela denúncia, sempre envolta em medo, vergonha, culpa e feita, por vezes, após muitos anos de violação.

O tema da sociabilidade de pessoas idosas no espaço público é retomado pela cientista social e pesquisadora do NEIM, Eulália Azevedo Lima que o explora em referência à realidade das associações de aposentados, no artigo *A presença das mulheres idosas no movimento dos/as aposentados/as e pensionistas na Bahia*. O debate mais amplo proposto pela autora se dá em torno da identificação de uma geração de velhos trabalhadores que construíram sua trajetória na militância sindical e que, na velhice, optaram por

outra forma de participação, a exemplo das Associações dos Aposentados e Pensionistas, contribuindo para a construção de novas imagens sobre a velhice. Mais especificamente, busca perceber, nesse universo, a peculiaridade de atuação das mulheres idosas, desenvolvendo a hipótese de que as idosas, nesse espaço, tendem a reproduzir os papéis e as funções do cuidado, historicamente atribuídos às mulheres no interior da lógica de divisão sexual do trabalho vigente na sociedade patriarcal, ao trazerem essa dimensão para o espaço da luta política. O artigo tece uma argumentação baseada nos debates sobre a Previdência Social no Brasil e as lutas em sua defesa, bem como nas discussões feministas acerca do cuidado. São consideradas também as interpretações que homens e mulheres idosos(as), militantes na Bahia, fazem de suas próprias vivências no movimento.

Márcia Tavares, docente e pesquisadora do PPGNEIM, propõe uma reflexão sobre a pesquisa com mulheres idosas, recuperando sua própria experiência de investigação com as narrativas de memória de três senhoras. No texto *Diário de uma viagem: percorrendo a estrada em busca do passado*, a autora coloca em evidência o rico processo de trabalho envolvido, tanto na construção das memórias, quanto no ato de ouvi-las e registrá-las em contextos de pesquisa. O texto discute esse processo a partir do relato sobre uma viagem feita pela pesquisadora e três mulheres viúvas, na faixa dos 80 anos as quais já haviam sido entrevistadas em outro momento, acerca de suas memórias afetivas. Ao descrever algumas situações da viagem que serviram como ponto de partida para a rememoração, o artigo discute temas importantes sobre a construção da velhice, como a percepção da passagem do tempo e das mudanças que daí advém, indicando os suportes que, nesse momento da vida, deflagram as lembranças, com o encontro com a cidade, as fotografias, a presença de pessoas da mesma idade, as relações com as outras gerações. Ao mesmo tempo, o texto registra trajetórias específicas de envelhecimento das mulheres, constituídas por marcas de gênero e geração e traduzidas nas vivências e memórias das entrevistadas.

O artigo *Quando bailarinas envelhecem: gênero, corpo e envelhecimento*, de Carolina Barbosa de Lira, discente do PPGNEIM, também tece um debate sobre gerações, temporalidade e mudanças, ao discutir a velhice de mulheres. Aqui, a autora aborda esses temas a partir de uma pesquisa sobre as mudanças físicas e subjetivas vivenciadas por bailarinas em seu processo de envelhecimento e na qual analisa as relações entre corpo e trabalho. Nesse sentido, uma das contribuições do texto é chamar atenção para o fato de que a categoria geração é menos usada do que outras nas análises interseccionais. Do mesmo modo, propõe uma discussão sobre a emoção na pesquisa feminista e apresenta sua vinculação ao tema a partir da própria trajetória corporal e subjetiva como bailarina. No texto, é central a noção de que os corpos são mediados pela cultura e, nesse sentido, genrados e conotados diferencialmente segundo a idade. É esse o fio que conduz as análises das entrevistas com bailarinas de idades distintas, algumas com mais de 50 anos, todas profissionais e funcionárias públicas do Estado. Nessas análises, as entrevistadas falam de suas perspectivas em relação à dança com o passar do tempo, nesse universo profissional em que, apesar de estarem seguras pelo vínculo profissional, são confrontadas com o ideal do corpo magro e da juventude, esculpido por técnica rigorosa.

Esperamos que a publicação desse dossiê seja meio para compartilhar, com a comunidade acadêmica e a sociedade, reflexões que consideramos importantes e urgentes. Deixamos também, com o público, uma provocação que, de modos distintos, perpassa o conjunto dos textos. Ao destacarmos as ausências e silêncios sobre o tema da velhice das mulheres, quer no campo da epistemologia quanto da política, queremos refletir sobre esse “recalque” que, certamente, esconde as dificuldades de nossa cultura para lidar com a experiência e a passagem do tempo, especialmente quando elas vestem o corpo feminino, ainda identificado ao ideal da juventude. Ou seja, não conseguimos ver e representar a velhice feminina para além de estereótipos que, se não dizem muito sobre essas mulheres, dizem bastante sobre o feminismo, a universidade, a política. Que novas e antigas gerações de pesquisadoras feministas se adensem nesse exercício de revelar a velhice múltipla e

heterogênea das velhas reais que habitam a vida social.

Boa leitura!

Alda Britto da Motta (UFBA)

Josimara Delgado (UFBA)

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti  
(UCSAL/UFBA)